



XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Currículo: tempos, espaços e contextos

29 e 30 de outubro de 2013



ARQUITETURA E EDUCAÇÃO: CONSTRUÇÕES DE PROJETOS ESCOLARES VOLTADOS À EDUCAÇÃO INFANTIL

Outubro/2013

Eixo temático: Políticas Públicas e Reformas Educacionais e Curriculares
Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo - PUC/SP
DUARTE, Rivania Kalil
rivakalil@hotmail.com

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo – PUC/SP
Prof^a. Dr^a. Maria Malta Campos – Orientadora
Comunicação Oral. Texto completo.

RESUMO

Este texto resulta de uma pesquisa que buscou, em livros e periódicos sobre Educação e Arquitetura, adensar reflexões sobre o tema, ainda pouco estudadas na educação infantil e tão relevantes, quando se trata de qualificar o atendimento à pequena infância, numa perspectiva humanista, que considere os agentes na construção contínua desses espaços, mediadores culturais em relação à formação de esquemas cognitivos, motores e sociais, sendo fonte de experiências e aprendizagens, para todos os seus usuários: crianças, profissionais, famílias e comunidade. A crescente demanda por acesso às Instituições de Educação Infantil tem sido acompanhada, entre outras questões, pela constatação de importantes questões referentes a infra-estrutura e organização dos espaços, mobiliários e equipamentos, articulados aos projetos pedagógicos que ali deverão se desenvolver. Ao lado desta demanda, a qualidade da educação oferecida tem merecido atenção daqueles que buscam este atendimento e de pesquisadores da área, envolvendo os que projetam e os que farão uso desses espaços, interagindo com eles e modificando-os segundo as necessidades de estruturação de propostas pedagógicas traduzidas nas dinâmicas presentes no cotidiano dessas Instituições. Os principais autores que fundamentaram as reflexões presentes neste trabalho foram: Antonio Viñao Frago, Augustin Escolano e Miguel A. Zabalza (Espanha) e Mayumi Watanabe Souza Lima, Silvio Dworeck e Maria Malta Campos, Jodete Fülgraf e Verena Wiggers (Brasil). A análise dos materiais estudados – integrantes da bibliografia estudada para a tese de doutorado da pesquisadora, possibilitou concluir que pesquisas sobre a avaliação dos espaços projetados e construídos para as Instituições de educação Infantil pode favorecer seu aperfeiçoamento, a fim de possa melhor atender e reorientar intenções educacionais, na busca da qualificação desses espaços.

Palavras-chave: Arquitetura. Educação-qualidade. Educação infantil.

O objetivo deste trabalho é adensar reflexões sobre construções de projetos escolares, para o atendimento à pequena infância.

Por meio de pesquisa bibliográfica, em livros e periódicos sobre Educação e Arquitetura, é possível constatar que as relações entre organização espacial, projetos arquitetônicos e objetivos educacionais são pouco estudadas na educação infantil e por este motivo merecem ser apresentadas e publicadas, no interesse de suscitar sensibilidades ao tema e divulgar possibilidades de pesquisa.

As construções a que se referem este texto compartilham o mesmo sentido: a educação. Esta função fundamental deverá determinar cada uma das características a que se direcionam, pela importância educacional e social do serviço que presta o espaço físico das Instituições de Educação Infantil e pela necessidade de voltarem-se à qualificação do atendimento à criança pequena.



Foto 01 – Crianças de uma EMEI, brincando na “gaiola” ou “trepa-trepa”. Brinquedo instalado na época dos Parques Infantis (anterior à 1975). Comporta várias crianças brincando ao mesmo tempo e de diferentes idades. 2012. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Os projetos arquitetônicos necessitam considerar a população atendida, as equipes de gestão, docentes e funcionários e a comunidade usuária desses espaços, para que todos possam sentir-se agentes na construção contínua desses espaços, que se



constitui como mediador cultural em relação à formação de esquemas cognitivos, motores e sociais, sendo fonte inesgotável de experiências e aprendizagens.

Há que se buscar diferentes soluções arquitetônicas, que se destinem às diferentes faixas etárias atendidas, considerando, ainda, as diversidades regionais, em relação à disponibilidade de espaços urbanos para essas construções e os usuários desses espaços – crianças e adultos, em relação à estética, conforto acústico, iluminação, ventilação natural, espaços coletivos para convivências, espaços de “crescimento a céu aberto”, desde a gestão do projeto, acompanhando e participando de contínuas avaliações pós-ocupação do ambiente construído, necessárias para que ele cumpra seu papel, na estruturação curricular desses espaços.

Essas construções devem oferecer um ambiente e infraestrutura favoráveis aos processos educativos, mas que também considerem as aprendizagens sociais dos pequenos, o intercâmbio de saberes, de desejos de aspirações, interesses, favorecendo o compartilhar de conhecimentos e experiências, disponibilizando a seus usuários os melhores e mais diversificados e inovadores recursos, a serem desenvolvidos em um espaço desafiador, alegre e organizado para ser compartilhado. Estas edificações devem destinar espaços para áreas verdes, devem ter um caráter “inteligente” – que não agridam o meio ambiente e otimizem recursos que provoquem o sentimento de “bem-estar”, ou como sustentava Fernando de Azevedo¹, no início do século passado: que promovam a higiene mental e a boa disposição para o ensino e a aprendizagem, entre professores e as crianças e contemple também a comunidade qual a escola se insere.

Qualidades arquitetônicas dos edifícios escolares influenciam o conforto ambiental, condições acústicas, segurança na movimentação dos usuários por espaços flexíveis e abertos²,

INTRODUÇÃO

A arquitetura escolar, considerada como elemento curricular, propõe, estimula e encoraja processos de aprendizagem.

¹ Ideias presentes no livro: Novos caminhos e Novos fins e também discutidas na obra de Hélio Duarte: Escolas Parque e escolas classe.

² No obra “Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino”, de Dóris C. C. K. Kowaltowski, cap 3. Discutem -se as questões referentes às qualidades dos projetos arquitetônicos e sua influência no desenvolvimento das propostas pedagógicas e, até mesmo na frequência dos alunos às aulas.(vide p. 76-78).



A variedade de materiais empregados nessas edificações pode contribuir com a diferenciação dos ambientes, ao mesmo tempo em que se constituem em ricas fontes de informações referentes a formas, cores, texturas, tamanhos, estética.

As paredes ou divisórias dos ambientes podem ser estruturadas de forma a permitir iluminação e visualização dos outros ambientes, quer pela presença de janelas, quer por meio de outros elementos que cumpram função semelhante como recortes de vidros em portas ou paredes, ou elementos vazados, que propiciem àqueles que estejam dentro dos ambientes, a sensação de não - confinamento. Também as cores podem ser usadas para distinguir ambientes ou conectar espaços.

Os espaços exteriores merecem atenção e cuidados. Devem ser flexíveis e suas áreas podem proporcionar repouso aos que se encontram em atividades dentro dos prédios, permitindo o contato visual do interior do prédio com o entorno ou convidar ao jogo, ao movimento, com possibilidades também para as brincadeiras simbólicas. Quadras e pátios podem ser utilizados para atividades gráficas, artes visuais, ampliando as possibilidades de espaços para a realização dessas atividades, que costumam ocorrer nas salas ou outros espaços internos. Salas com varandas, que se encontram em pátios externos, com possibilidades de reunir crianças de diferentes grupos, são exemplos de algumas construções de EMEIS antigas e de outros prédios voltados à educação infantil, que favorecem diferentes dinâmicas aos projetos pedagógicos que se desenvolvem nesses locais.

Quanto aos brinquedos, devem ser criados buscando formas alternativas, incentivando a descoberta e criatividade. A vegetação favorece tanto as brincadeiras, quanto a organização de um clima de bem estar, emoldurando espaços de aconchegantes de convívio, nas Unidades. Uma ideia básica seria organizar espaços versáteis que se adaptem a diferentes necessidades e usos.

Os espaços internos e externos podem ser estruturados para estimular e conectar-se visualmente, por meio da exploração de suas características, com as possibilidades simbólicas das crianças e para potencializar a proposta pedagógica da escola, possibilitando sua efetivação, por parte dos professores e demais profissionais, pela organização desses espaços, mobiliários, brinquedos e equipamentos, de forma a torná-los dinâmicos, criativos, favorecedores de aprendizagens e manifestações das crianças, que deverão apropriar-se deles, podendo também transformá-los, segundo sua lógica do



brincar e do relacionar-se. Para tanto, os materiais empregados e as estruturas concebidas nos projetos arquitetônicos, podem sugerir, por exemplo, um trem, um avião, um barco, um cavalo, um pássaro. As cores e texturas poderão auxiliar na composição de brinquedos, elementos vazados, construções com madeira ou cimento, muitas vezes sem forma definida, mas que permitem uma interação com a criança, que poderá subir ou passar por dentro dessas intervenções no espaço externo ou interno, ou ainda, demarcando áreas coletivas ou de entrada das escolas e ampliar as possibilidades criativas e cognitivas das crianças, acolhendo e estimulando suas fantasias e favorecendo relações.

Paredes que podem ser removíveis possibilitam a ampliação das áreas internas, possibilitando a transformação de salas em auditórios ou outros espaços coletivos, que favoreçam atividades entre crianças de diferentes faixas etárias ou oficinas que congreguem pais e comunidade. Se os espaços forem pensados sob essa perspectiva – de participação da comunidade de pais e “vizinhos” da escola, torna-se legítima a necessidade desses segmentos, em conjunto com a equipe escolar e as crianças, em opinar na constituição ou transformação desse projeto de construção ou reforma dos prédios, com vistas a um resultado que contemplasse seus interesses, tornando esses espaços mais úteis e significativos para aquele determinado conjunto de pessoas e que seria, ao mesmo tempo mais atrativo e agregador, por ter sido concebido coletivamente, ainda que parte dele, o prédio já estiver construído.

É claro que ao se pensar em espaços públicos, é necessário considerar custos e soluções acessíveis e viáveis. Porém, outras questões se colocam, com importância relevante, quando se trata de considerar a população à qual estas construções se destina, prioritariamente. Considerando que o Projeto das edificações voltadas à pequena infância devem prever uma integração entre as demandas provenientes das características da faixa etária – no caso crianças até 5 anos de idade e a otimização das atividades específicas das obras, voltadas à diversidade de soluções, em torno de objetivos gerais e comuns a todos os prédios, como: Por isso, as contribuições de outros países em relação a escolas de educação infantil devem ser consideradas pelos arquitetos, para viabilizar o que educadores e usuários podem expressar como suas expectativas em relação aos espaços das escolas. Assim, é preciso pensar em soluções de economia de energia – com espaços melhor ventilados e iluminados com luz natural,

portanto com a utilização de elementos construtivos que favoreçam a viabilização desses aspectos, além de economia de água ou drenagem de água das chuvas para a manutenção das áreas ajardinadas, utilização de materiais recicláveis e biodegradáveis³. A criação de espaços de aprendizagem inovadores e estimulantes, cujas possibilidades sejam de conhecimento dos alunos, para que possam valorizá-los e transpor esses conhecimentos, para outras situações de aprendizagem social.

Qualidade dos ambientes para crianças pequenas



“Arquitetura escolar: uma forma silenciosa de ensino”

Foto 02: Criança brincando dentro da sala de leitura de uma EMEI. 2002. Arquivo pessoal da pesquisadora.

³ O Projeto batizado como: “A classe do futuro”, da Royal Borough of Kensington and Chelsea – se propõe a desafiar os parâmetros convencionais da arquitetura para recintos educativos e conta com várias das soluções citadas, com vistas à preservação do meio ambiente e redução de custos. (In: *Arquitetura de guarderías, jardines de infância y colégios*, p.44-49).



A qualidade dos projetos arquitetônicos, sua gestão e avaliação pós-ocupação das edificações, em Instituições de Educação Infantil podem fornecer elementos importantes para o aprimoramento científico e tecnológico dos processos que envolvem a estruturação desses projetos, possibilitando a incorporação dos aprendizados adquiridos, para a elaboração de outros projetos, a partir da participação do usuário na melhoria do espaço construído⁴.

É necessário, para tanto, o conhecimento, por parte dos usuários, dos elementos que podem tornar os espaços das Unidades Educacionais, potencialmente mais significativos, para promoverem o desenvolvimento de amplas possibilidades de aprendizagem e experiências com diferentes linguagens e interações.

Os espaços edificados e as áreas externas, em seus projetos e nas dinâmicas de suas ocupações no cotidiano, devem promover e pesquisar elementos que possam incentivar criatividade e curiosidade, decorrentes de ações desencadeadas por propostas curriculares, que facilitem a apropriação das partes componentes dos prédios, como suportes da ação pedagógica e como proponentes de ações pedagógicas, com a força de sua materialidade.

As áreas externas concebidas como extensão da área edificada, constituem-se elementos lúdicos e de exploração pedagógica: nos diversos espaços podem desenvolver-se diferenciadas propostas e situações, desencadeadas pelos elementos naturais, brinquedos, intervenções que os educadores organizem, para incentivar a imaginação, a brincadeira simbólica e formas particulares que as próprias crianças imprimam, apropriando-se de situações interessantes e inusitadas, a partir de sua experiências e contando com as informações e possibilidades que o espaço das Unidades Educacionais possa oferecer, tendo como norte, aos adultos que irão agir sobre ele, as finalidades da educação da infância e a promoção de autonomia, assim como de inserção cultural.

⁴ No livro: “Qualidade no projeto de edifícios”, organizado por Marcio M. Fabrício e Sheila W. Ornstein, páginas 14-32, está presente a discussão sobre a combinação do levantamento das exigências do usuário, com as metodologias de avaliação de desempenho técnico dos sistemas construtivos, que permitem escolhas mais acertadas, para a solução de projetos.



Foto 04: Crianças brincando, na área externa de uma EMEI, 2012.

O planejamento dos espaços e das atividades que deverão se desenvolver, tanto na área interna como na externa, das construções escolares voltadas à pequena infância deve considerar diferentes possibilidades de interpretação de relações espaciais em diferentes áreas, que se traduzam em interações que favoreçam livres escolhas pelas crianças e também propostas de outras interações e conhecimentos, organizadas pelos professores, aproveitando as áreas disponíveis e construindo, junto com as crianças, inclusive, intervenções, que possam representar aos pequenos: edificações, pontes, rampas, piscinas, estradas, pessoas, brinquedos, em diferentes áreas disponíveis.

Cabe a todos os agentes da elaboração dos projetos desses espaços, desde sua construção até as intervenções que venha a sofrer, como reformas, adaptações no prédio, ampliações – que geralmente ocorrem na área interna, como é possível constatar nas pesquisas aqui realizadas, voltarem-se a utilização e busca de novas formas nas edificações, que possibilitem diferentes usos e valorizem e estimulem comunicação.

A ampliação dos campos de experiências cognitivas e expressivas será viabilizada com a dinamização de processos educacionais, que orientem intervenções nesses espaços, que se constituirá componente de um itinerário formativo, desta etapa

de escolarização, na qual interagem as finalidades educativas, considerando diferentes etapas e dimensões do desenvolvimento das crianças, que se traduz nas experiências individuais e grupais, favorecidas pela organização de um trabalho pedagógico que potencialize, na estruturação desses espaços, o desenvolvimento e manifestações de sistemas simbólicos da cultura, pela via lúdica⁵.

O uso das paredes, tetos, portas e pisos, como ressalta Mayumi (Lima, 1995), também podem ser organizados para propiciar novos conhecimentos e estimulação aos pequenos, assim como cores, materiais, que possam suscitar respostas diferenciadas a propostas dinâmicas, na confrontação da criança com o prédio escolar, que possibilita uma abertura para apreensão de diferentes processos de transformação da natureza, sobre a ecologia e sobre o trabalho do homem⁶.

“O prédio escolar se confunde com o próprio serviço escolar e com o direito à educação”. (LIMA, Mayumi S., 1995).



Foto 5: Prédio de uma EMEI, antigo Parque Infantil. 2000. Arquivo pessoal da pesquisadora.

⁵ Zabalza destaca o trabalho com campos de experiência cognitiva e expressiva, no capítulo 4 do livro: “Qualidade em educação infantil”.

⁶ Ideias discutidas no livro: “Arquitetura e Educação”, de Mayumi S. Lima.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto, que discutiu as possibilidades de articulação dos projetos arquitetônicos e pedagógicos, para a educação da pequena infância, considerando parte dos referenciais bibliográficos destacados pela pesquisadora, para a elaboração de sua tese de doutorado, enfatizou o aspecto do espaço físico, com seus mobiliários e equipamentos e as propostas pedagógicas que se desenvolvem em seu interior, ressaltando. Contudo, a discussão da qualidade do atendimento na Educação Infantil é tema complexo, que envolve inúmeros aspectos, não abordados neste trabalho, porém de relevância equivalente às questões aqui abordadas, como é o caso da formação dos profissionais – inicial e em serviço, para que as melhorias possibilitadas por projetos inovadores, mais adequados às características da faixa etária atendida e com a participação dos profissionais, comunidade e das crianças possa se traduzir na edificação de lugares referenciados no mundo lúdico infantil, com espaços livres e de uso coletivo, organizados com brinquedos nas áreas interna e externa, tanques de areia, áreas verdes, espaços cobertos e espaços de crescimento a céu aberto, projetados e reinventados para estimular a imaginação, sugerir situações e favorecer descobertas e sua apropriação por todos os usuários.

Esta breve discussão pretende também suscitar outras reflexões, que se somem na direção da necessidade de se repensar a produção do ambiente construído, com foco nas necessidades dos diferentes usuários do ambiente construído, neste caso: crianças de 0 a 5 anos de idade, profissionais, familiares e comunidade na qual se inserem as Instituições de Educação Infantil e nas experiências ambientais e educacionais que este pode produzir, em relação à melhores condições de aprendizagem, interações e relação de bem-estar, garantidas pela valorização da opinião de quem faz uso desses espaços, pela resposta aos usuários sobre o atendimento às suas expectativas quanto às melhorias necessárias, adaptações e correções, no ambiente construído, para que se torne mais humanizado e acolhedor e promotor de encantamentos, incentivador da criação e imaginação, em especial às crianças atendidas, mas, fundamentalmente, que seja apropriado por todos, que contemple as propostas, sugestões, expectativas, inclusive das crianças, que a qualidade dos projetos construídos espelhe a riqueza da abrangência da colaboração de cada usuário, nessa construção.

Porém, como enfatiza o texto sobre a qualidade da Educação Infantil: Alguns resultados da pesquisa, não bastam prédios adequados, bem conservados, mobiliários e equipamentos suficientes, pois sua ação será potencializada por uma programação educativa, elaborada e viabilizada por profissionais, que utilizem os benefícios do espaço físico das escolas, a favor das crianças atendidas.

Para as crianças pequenas, as experiências ambientais se concretizam, com grande riqueza, nas situações lúdicas que este espaço possa lhes proporcionar, considerando as possibilidades que lhes são apresentadas pelas nossas cidades, em especial as grandes capitais, nas quais é possível constatar a restrição dos espaços do brincar infantil e para o desenvolvimento e aprendizado da partilha, do viver coletivo, do compartilhar, das regras traçadas em comum, na *“capacidade de saber-se ser humano, isto é, inserido e de atos responsáveis, tanto dos coletivos próximos, quanto de uma comunidade internacional”*. (LIMA, 1995).



Foto 6: Área externa de um Centro Educacional Unificado – CEU, 2003. Interação de Alunos da EMEI, pais e comunidade, na utilização dos brinquedos do parque. Arquivo pessoal da pesquisadora.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando de. **Novos caminhos e novos fins**. São Paulo: Melhoramentos, 1932.



DUARTE, Hélio de Queiroz. **Escolas classe e escolas parque**. In: DUARTE, Hélio de Queiroz; TAKIA, André Takia. (Orgs.). São Paulo: FAAUSP, 2009.

CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO. Elaboração do relatório técnico final: Maria Malta Campos. Parceria: MIEIB. Apoio: Save the children. **Consulta sobre qualidade da educação infantil**: o que pensam e querem os sujeitos deste direito. São Paulo: Cortez, 2011.

CAMPOS, Maria Malta; FÜLGRAFF, Jodete; WIGGERS, Verena. A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, FCC, v.36, n.127, p. 87-128, jan./abr.2006.

CAMPOS, M. M. Profissionais de educação infantil: desafios para a política educacional. In: SEVERINO, A. J.; FAZENDA, I. C. A. (Orgs.). **Políticas educacionais**: o ensino nacional em questão. Campinas: Papyrus, 2003. p.151-161. (Série Cidade Educativa).

FABRÍCIO, Márcio Minto; ORNSTEIN, Sheila Walbe. (Orgs). **Qualidade no projeto de edifícios**. São Carlos: RiMa Editora, ANTAC, 2010.

KOWALTOWSKI, Dóris C.C.K. **Arquitetura escolar**: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LIMA, Mayumi de S. Watanabe. **Arquitetura e educação**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

LIMA, Mayumi W. Souza (Coord). **Espaços educativos**: uso e construção.[s.l.]: CEDATE - Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico Educação Secretaria de Estado da Educação, 1987.

MINGUET, Josep M. (Director); CAÑIZARES, Ana. **Arquitetura de Guarderías – Jardines de infância y colegios**. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, 2007.

VIÑAO Frago, Antonio; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP& A, 1998.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.



XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Currículo: tempos, espaços e contextos

29 e 30 de outubro de 2013

